Castro Faria e a Vocação Etnológica

ALCIDA RITA RAMOS

Nos fins da década de 50 eu era uma universitária à procura de uma vocação. Entrei na Faculdade Fluminense de Filosofia, na época uma escola particular, havendo optado por Geografia que, das disciplinas que conhecia era, a meus olhos ,a mais atraente.

Durante o primeiro semestre de 1957 fui exposta pela primeira vez à Antropologia. Era uma Antropologia precária e ingênua, conduzida pela inexperiência da assistente do catedrático, que então viajava pela Europa. O catedrático era o Professor Luiz de Castro Faria.

Sua ausência despertou uma razoável dose de curiosidade e expectativa, que só foram aplacadas no segundo semestre daquele ano. A figura tão esperada finalmente materializou-se, com seu cachimbo aromático, sua elegância urbana e um semblante de quem, definitivamente, "não dava colher de chá para aluno". Firme sem ser intransigente, logo impôs à turma de alunos um novo padrão de trabalho, liberando-os de uma prática maçante de mera estocagem de informações aleatórias e induzindo-os, enfim, a pensar. A partir daí, estavam abertas para mim as portas da Antropologia.

De morno, meu entusiasmo pela disciplina foi esquentando em ritmo acelerado, ao longo dos vários curso do Prof. Castro, até que, em fins de 1959, seguindo o exemplo de Roberto Da Matta, também seu estudante na Fluminense, iniciei um estágio no Museu Nacional, onde Castro Faria exercia as funções de "Naturalista" e de diretor da Divisão de Antropologia. Como Da Matta, entrei na Antropologia pela mão do Prof. Castro.

Terminada a Faculdade, continuei a estudar no Museu até ir para os Estados Unidos como bolsista, ainda graças a contatos do

Prof. Castro. Embora mais diretamente ligada às atividades de ensino e pesquisa de Roberto Cardoso de Oliveira, não deixei de conviver com Castro Faria durante os quase dois anos que passei no Museu. Acompanhei de perto a sua permanente disposição de estimular novos alentos e talentos da Antropologia no país. Longas travessias na barca de Rio a Niterói foram preenchidas ao som de relatos sobre suas vivências, experiências, conhecimento ou, simplesmente, opiniões. Mas enquanto nós, neófitos, desvendávamos novos mundos teóricos vindos do norte pelos caminhos do estrutural-funcionalismo, também ouviamos, através da erudição apaixonada de Castro Faria, a advertência de que a Antropologia no Brasil não nascera ontem e que, afinal, santo de casa também pode fazer milagres. Através dos anos, a par de seu invejável interesse e acompanhamento fiel dos desenvolvimentos mais recentes da Antropologia, nunca perdeu o sentido dessa consciência histórica, o que é talvez ainda mais invejável. Testemunhos disso são os seus trabalhos sobre Oliveira Viana ("Populações Meridionais do Brasil — ponto de partida para uma leitura de Oliveira Viana", Comunicação N.º 3, Museu Nacional — Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 1974), sobre Roquette Pinto ("Ensaio Bio-bibliográfico", Revista do Museu Paulista, nova série, Vol. 10; "A Contribuição de Roquette-Pinto para a Antropologia Brasileira", Museu Nacional, Série avulsa, 1959), sobre João Batista Lacerda ("Lacerda. Comemoração do Centenário de Nascimento 1846-1946", Publicações avulsas, N.º 6, Museu Nacional, 1951), sobre Alexandre Rodrigues Ferreira ("Alexandre Rodrigues Ferreira e a Etnologia Brasileira", Conselho Nacional de Pesquisas — Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, série A Viagem Filosófica, Publicação N.º 3:18-22, 1958).

Se por estímulo do Prof. Castro entrei na Antropologia, por insistência também sua entrei na Etnologia, mas uma etnologia com letra maiúscula, como Florestan Fernandes a quis em seu trabalho de 1958, A Etnologia e a Sociologia no Brasil (São Paulo: Anhambi) — uma etnologia abrangente onde se inclui também o estudo de sociedades complexas. Interessado em conhecer o modo de vida dos pescadores portugueses no Rio de Janeiro, ele viu na minha pessoa dois requisitos favoráveis a uma tal pesquisa: ser aprendiz de antropólogo e ser portuguesa. Abriu-me sua biblioteca, sua memória e entusiasmo sobre o assunto e foi assim que me lancei na investigação sobre os pescadores poveiros e suas vicissitudes de imigrantes no Brasil urbano. Naquela época a antropologia das sociedades complexas era pouco mais do que os bem comportados "estudos de comunidade".

Enfrentar um vazio teórico-metodológico nesse campo só me foi possível graças ao apoio de Castro Faria e de Roberto Cardoso. Fiz o que pude e transformei a experiência em dissertação de mestrado, mais tarde escrita e defendida na Universidade de Wisconsin. Porém, o Prof. Castro não só estimulou essa Etnologia maiusculizada, como também a praticou, pois, além de dedicar trabalhos à realidade indígena ("Figures en Argile Faites par les Indiens Karajá du Rio Araguaia", Actes du IVᵉ Congrès International des Sciences Anthropologiques e Ethnologiques, Viena, 1952, Tomo II:370-75; "A Figura Humana na Arte dos Índios Karajá", Museu Nacional, Série avulsa, 1959), também estudou aspectos da vida regional brasileira ("Garimpo", Revista do Museu Nacional, N.º 2, 1944; "Origens Culturais da Habitação Popular do Brasil", Boletim do Museu Nacional, nova série, N.º 12, 1951), além de se interessar por questões de contato interétnico, como em seu trabalho conjunto com Roberto Cardoso, apresentado em seminário no Burg Wartenstein, também publicado em inglês ("O Contato Interétnico e o Estudo de Populações", Revista de Antropologia, Vol. XVII-XX, 1.ª parte, 1969-1972).

Do mestrado para cá, minha etnologia perdeu o E maiúsculo e voltou-se para o que hoje se espera do termo — o estudo de sociedades indígenas. Se, pessoalmente, me sinto mais à vontade entre índios do que entre portugueses, nem por isso fica saldada minha dívida para com o Prof. Castro, por aqueles primeiros e marcantes lampejos teóricos e por aquela primeira pesquisa etnográfica que foi, realmente, o meu rito de passagem profissional.

Encontrada, afinal, a minha vocação, registro aqui o que nunca tive a oportunidade ou a desinibição para dizer a viva voz, que essa vocação me foi primeiro revelada pela via do encorajamento, da seriedade profissional e da integridade ética de Luiz de Castro Faria. Como eu, outros vislumbraram a Antropologia por sua influência. Aparentemente sem intencionalidade, ele transmite, como que por contágio, aquela centelha que todo antropólogo por vocação reconhece — a eterna ânsia de desvendar o Outro.